

O APOSTOLADO DA EDIÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alberione, Tiago

O apostolado da edição : manual diretivo de formação e de apostolado / Tiago Alberione ; tradução de José Bortolini. - 2. e 3. ed. - São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Clássicos de espiritualidade e Clássicos do Cristianismo)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5888-2 (simples)

ISBN 978-85-349-5910-0 (capa dura)

Título original: L'apostolato dell'edizione. Manuale direttivo di formazione e di apostolato

1. Apostolado 2. Evangelização 3. Espiritualidade 4. Vida cristã 5. Pastoral da comunicação
I. Título II. Bortolini, José III. Série

25-4538

25-4654

CDD 253

CDD 253

Índice para catálogo sistemático:

1. Apostolado

BEM-AVENTURADO TIAGO ALBERIONE

Tradução

José Bortolini

Apresentação e adaptação da linguagem na presente edição

Rafael Barbosa

O APOSTOLADO DA EDIÇÃO
MANUAL DIRETIVO DE FORMAÇÃO
E DE APOSTOLADO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *L'apostolato dell'edizione*
Manuale direttivo di formazione e di apostolato
© 1998, Sociedade de São Paulo, Casa Geral, Roma

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Pe. Zolferino Tonon

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Imagem de capa

Acervo Paulus

Impressão e acabamento

PAULUS

2ª edição, 2025 (simples)

3ª edição, 2025 (capa dura)



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil) • Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5888-2 (simples)
ISBN 978-85-349-5910-0 (capa dura)

ÍNDICE

9	NOTA À PRESENTE EDIÇÃO
11	ADVERTÊNCIAS
13	APRESENTAÇÃO
25	INTRODUÇÃO
27	PRIMEIRA PARTE: O APOSTOLADO E O APÓSTOLO
29	PRIMEIRA SEÇÃO: O APOSTOLADO
29	I. A edição, meio de apostolado
34	II. Objeto do apostolado da edição
39	III. Ordem do apostolado da edição
42	IV. Caráter do apostolado da edição
46	V. As exigências do apostolado da edição
50	VI. O método no apostolado da edição
57	SEGUNDA SEÇÃO: O APÓSTOLO
57	I. O ministro ordinário
59	II. Os religiosos no apostolado da edição
61	III. As necessidades dos tempos
63	IV. A Pia Sociedade de São Paulo
65	V. Os católicos leigos no apostolado da edição
69	VI. A formação do apóstolo
75	VII. A Santa Missa do apóstolo da edição
80	VIII. A Comunhão
85	IX. A Meditação
90	X. Visita ao Santíssimo Sacramento
95	XI. Exame de consciência
103	XII. Como o apóstolo deve considerar Maria Santíssima
108	XIII. Uma característica do apóstolo

115 SEGUNDA PARTE: OS APOSTOLADOS DA IMPRENSA, DO CINEMA E DO RÁDIO

117 PRIMEIRA SEÇÃO: O APOSTOLADO DA IMPRENSA

- 117 I. Origem e desenvolvimento do apostolado da imprensa
- 121 II. A redação no apostolado da imprensa
- 124 III. As grandes verdades
- 130 IV. A adaptação aos leitores
- 134 V. Deus, modelo do apóstolo escritor
- 140 VI. A Bíblia Sagrada
- 150 VII. A obra bíblica
- 156 VIII. História eclesiástica
- 165 IX. A Santíssima Virgem
- 171 X. Sagrada Teologia
- 175 XI. Ascética e mística
- 181 XII. Liturgia
- 189 XIII. Os Santos Padres
- 197 XIV. Obra catequética
- 204 XV. Os Papas
- 209 XVI. Hagiografia e biografia
- 216 XVII. Apologia sagrada
- 222 XVIII. O jornal
- 227 XIX. Revistas e periódicos
- 233 XX. Boletim paroquial
- 239 XXI. Leituras amenas
- 245 XXII. Literatura para a infância e a pré-adolescência
- 254 XXIII. Missiologia
- 262 XXIV. Textos para escolas
- 264 XXV. Geografia
- 270 XXVI. Revistas bibliográficas
- 274 XXVII. Recensões
- 279 XXVIII. Política – Ciências sociais – Filosofia
- 283 XXIX. Ilustrações
- 288 XXX. A técnica na imprensa
- 292 XXXI. A propaganda
- 297 XXXII. O propagandista
- 302 XXXIII. Formas de propaganda
- 306 XXXIV. Centros de difusão

- 311 XXXIV. Bibliotecas
- 320 XXXV. Propaganda a domicílio
- 324 XXXVI. Jornada do Evangelho
- 330 XXXVII. Prática do apostolado da imprensa
na Pia Sociedade de São Paulo
- 337 XXXVIII. Os pecados causados pela imprensa

343 SEGUNDA SEÇÃO: O APOSTOLADO DO CINEMA

- 343 I. O cinema e o apostolado religioso
- 346 II. Cristianizar o cinema
- 351 III. Criar uma cinematografia católica
- 355 IV. A imprensa e o cinema

357 TERCEIRA SEÇÃO: O APOSTOLADO DO RÁDIO

- 357 O rádio e o problema religioso

363 CONCLUSÃO

365 APÊNDICE

- 367 I. União dos Cooperadores da Boa Imprensa (1918)
- 369 II. A casa da Boa Imprensa (1921)
- 376 III. O apostolado da imprensa
- 383 Tópicos e citações

387 ÍNDICES

389 ÍNDICE DAS CITAÇÕES BÍBLICAS

392 ÍNDICE ANALÍTICO

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

A obra que o(a) leitor(a) tem agora em mãos foi traduzida do italiano por Pe. José Bortolini, inicialmente para uma edição interna para a Família Paulina do Brasil. O tradutor aliou nesse trabalho o conhecimento da língua italiana ao conhecimento do autor do livro, Bem-aventurado Tiago Alberione, fundador da Família Paulina. Essa informação é realmente importante, porque traduzir um texto não é somente trocar palavras entre idiomas. É, antes de mais nada, um ato de fidelidade e de discernimento, pois, além da literalidade das palavras, existe a idiossincrasia da cultura que molda cada língua, as sutilezas do expressar e as nuances da linguagem viva de cada povo. Nesse sentido, a tradução do Padre Bortolini é, sem dúvida, impecável.

Contudo, como ele mesmo sugere na *Nota à Tradução Brasileira* da edição interna, “o trabalho de atualização da linguagem poderá (e talvez deverá) ser feito em textos de divulgação”. É o que agora o(a) leitor(a) tem diante de si: a tradução fiel de Bortolini, enriquecida por discretas intervenções editoriais, realizadas com dois propósitos claros: 1) oferecer uma leitura mais fluida; 2) sublinhar passagens que merecem especial atenção.

O(a) leitor(a) notará que algumas expressões e conceitos — que a reflexão teológica atualmente formula de outras maneiras — foram preservados para: 1) honrar as marcas de historicidade do próprio texto; 2) preservar a originalidade com que Alberione falou à Igreja e ao mundo, por exemplo, quando trata da “salvação das almas”.

Aqui vale um pequeno destaque. Com o desenvolvimento da reflexão personalista a partir de meados do século XX — sobretudo pela metafísica e pela antropologia de Jacques Maritain, e também com a “Teologia do Corpo” de São João Paulo II —,

optou-se por trabalhar essa ideia sob o conceito de “pessoa”. Assim, o termo mais adequado hoje seria “salvação humana”, “salvação da pessoa” ou “salvação da pessoa humana”. Contudo, Alberione se refere exclusivamente à “salvação das almas”. Se tivéssemos adotado essa atualização ao longo do texto, teríamos modificado o significado e a própria concepção de Alberione que, não dispondo do conceito de “pessoa” tal como hoje o entendemos, fala da formação — e da salvação — do ser humano integral: mente, vontade, coração e forças físicas.

Em suma, a presente edição é um esforço para tornar conhecido o pensamento, a espiritualidade e o carisma da comunicação na Igreja, recebidos pelo Padre Tiago Alberione, uma figura tão discreta que se passa por “um ilustre desconhecido”, e que assumiu aquela mesma postura de João Batista: “É preciso que Ele [Cristo] cresça e eu diminua” (Jo 3,30). Esperamos que o(a) leitor(a) possa usufruir, na vida e no apostolado, dos ensinamentos desse grande místico, apóstolo e beato da Igreja.

ADVERTÊNCIAS

1. O texto adotado neste volume é o da primeira edição (*L'Apostolado dell'Edizione*, Alba, Filhas de São Paulo, 1944), que é sem dúvida a mais completa, apesar de não isenta de erros. Na impossibilidade de confrontá-la com o manuscrito original (não localizável), procuramos reproduzir do melhor modo possível o texto original, com algumas advertências:
 - a) Às vezes, diante de evidentes erros de sentido (devidos à má leitura do manuscrito ou a erros de imprensa ou a linhas puladas), orientamo-nos pelas expressões paralelas encontradas em outros lugares; ou uniformizamos com a segunda edição (1950), também essa defeituosa e nem sempre confiável, por ser incompleta.
 - b) Melhoramos as frequentes irregularidades ortográficas e sintáticas (abuso ou ausência de pontuação, de iniciais maiúsculas etc.) uniformizando, nos limites do possível, com as formas correntes.
 - c) Na adoção de caracteres tipográficos (negrito, itálico etc., usados de modo irregular e às vezes imprópria-mente, quisemos homologar o uso, reservando, respectivamente, o negrito para os subtítulos e o itálico para as expressões latinas ou às citações de relevância especial, já evidenciadas no original.
2. As notas presentes na primeira edição foram fielmente reproduzidas e, na ocasião, integradas com novos elementos. As partes acrescentadas (como a tradução das expressões latinas), ou as notas introduzidas *ex novo*, estão indicadas com o asterisco (*).

3. A numeração dos capítulos, em algarismos romanos no original, foi mantida também onde deveria ser corrigida, como no caso do cap. XXVI *repetido*, cuja repetição foi indicada com *Capítulo XXVI/bis* em vez de XXVII. Isso para não alterar a numeração dos capítulos sucessivos.
4. A numeração marginal em negrito (com o uso do símbolo “ | ”, que indica o começo da página), remete às páginas da primeira edição original. Essa numeração foi adotada nos índices finais do volume, e deve ser usada em todas as citações do texto, em qualquer edição, inclusive nas traduções.
5. No final do texto, acrescentou-se um *Apêndice*, com o conteúdo de um número especial do boletim *Unione Cooperatori Buona Stampa* (n. 5, 15 de julho de 1921), inteiramente dedicado à justificação do apostolado editorial. Podemos considerá-lo uma lúcida antecipação ou, se quisermos, um “Posfácio” a todo o discurso desenvolvido no presente volume.

APRESENTAÇÃO

Rafael Barbosa

Comunicação e santidade: o carisma profético do Apostolado da Edição

I. Do Tabernáculo às impressoras: o nascimento de uma missão

Embalada pelo compasso vibrante do “louvor das máquinas”, entre o barulho das impressoras e o cheiro vivo da tinta fresca,¹ desenvolveu-se uma das mais fecundas intuições carismáticas² do século XX: *o anúncio de Jesus Cristo e do seu Evangelho, na fidelidade à Igreja e ao papado, através dos meios de comunicação que o mundo moderno construiu para si*. Essa intuição, porém, não nasceu propriamente ali, naquela tipografia rumorosa: foi gestada muito antes, por meio da reflexão, de um fecundo cultivo espiritual e pastoral, e da escuta atenta aos apelos do papa Leão XIII e de outros grandes pensadores da tradição social católica. Tudo isso, porém, encontrou seu ponto culminante naquela “noite luminosa” que atravessou a virada do século XIX para o século XX.

1 No início do século XX, o processo tipográfico era majoritariamente manual e mecânico. Utilizava-se a composição com tipos móveis de chumbo, dispostos linha por linha, depois fixados em formas tipográficas. A impressão era feita por grandes prensas planas ou rotativas, operadas a manivela ou a motor. O ambiente das tipografias era marcado pelo ruído constante das máquinas, pelo calor do metal fundido e pelo cheiro intenso da tinta fresca sobre o papel – elementos que se tornariam, para Alberione, quase litúrgicos, expressando a consagração do trabalho técnico à evangelização.

2 A síntese dessa intuição carismática é expressa pelo enunciado identitário da Família Paulina: *Viver e dar ao mundo Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida, sob o olhar da Rainha dos Apóstolos, e segundo o espírito do Apóstolo São Paulo, com os meios mais rápidos e eficazes da comunicação social*.

Era a madrugada do dia 31 de dezembro de 1900. O papa Leão XIII havia convidado a Igreja, no mundo inteiro, a unir-se em oração pelo novo século que se inaugurava. No silêncio da catedral de Alba, na Itália, diante do Tabernáculo, o jovem seminarista Tiago Alberione, na época com apenas 16 anos, foi envolvido por uma luz que iluminaria definitivamente sua existência e sua missão, marcando o início de uma longa jornada.

Enquanto fitava com os olhos da fé a brancura do Cristo-Hóstia, uma luz sobrenatural o alcançou, dando-lhe uma compreensão mais precisa do convite de Jesus: “Venham a mim *todos*” (Mt 11,28). Naquela hora, Alberione sentiu-se profundamente chamado a “preparar-se para fazer algo pelo Senhor e pelos homens do novo século que estava começando”,³ encontrando na Eucaristia o alimento e a força para essa grande obra.

Foi dessa fonte viva, do encontro com o Cristo presente no Santíssimo Sacramento, que nasceu a inspiração que sustentaria toda a sua caminhada apostólica. Um chamado a unir santidade e técnica, oração e ação, fé e modernidade, para que o Evangelho alcançasse *todos* os corações através dos novos canais da comunicação.

Mais de quatro décadas depois, em 1944, esse espírito inflamado por um grande ardor apostólico encontraria expressão no texto *Apostolado da Edição*, fruto da maturidade espiritual, carismática e apostólica de Padre Alberione.⁴

Em *Apostolado da Edição*, o Bem-aventurado Tiago Alberione revela a urgência de uma evangelização que utilize os recursos do tempo presente, não apenas como um benefício ou privilégio da Modernidade, mas como instrumentos eficazes capazes

3 Beato Tiago Alberione, *Abundantes Divitiae Gratiae Suae: Storia Carismatica della Famiglia Paolina*, Alba, San Paolo 1998, p. 38-40.

4 Padre Alberione jamais concebeu o apostolado da edição – ou qualquer forma de apostolado – desvinculado da Igreja. Para ele, o apostolado é sempre e necessariamente eclesial, isto é, realizado em comunhão e fidelidade à Sagrada Escritura, à Tradição viva e ao magistério legítimo da Igreja Católica.

de agilizar a comunicação de Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida, a todos os povos e culturas.

Por isso, essa obra se apresenta, ainda hoje, como um farol reluzente para todos os que desejam anunciar o Evangelho em um mundo em constante transformação. Ela nos recorda que a missão da Igreja exige criatividade, coragem e, sobretudo, fidelidade à fonte eucarística que alimenta toda iniciativa apostólica. Não por acaso, traz como subtítulo: *Manual diretivo de formação e de apostolado*, sinal evidente de sua intenção de formar, orientar e inspirar aqueles que assumem o desafio de evangelizar através dos meios de comunicação.

Que esta introdução seja, então, uma porta aberta para essa jornada de *formação* e de *apostolado*, um chamado a reviver e a renovar o compromisso de levar a mensagem de Jesus Cristo ao coração da cultura contemporânea, com a mesma paixão e confiança de um homem que, na penumbra daquela noite iluminada pela luz do Tabernáculo, foi capaz de discernir e interpretar o sentido radical de seu ministério.

II. Um homem à escuta dos sinais de Deus e dos tempos: quem foi Tiago Alberione?

Na alvorada de um tempo turbulento, quando a Itália recém-unificada ainda buscava a consolidação de sua identidade entre feridas políticas e tensões entre a Igreja e o Estado,⁵ nasceu, em 4 de abril de 1884, na pequena aldeia de San Lorenzo di Fossano, um menino que, com o tempo, ouviria um chamado divino que ecoaria ao longo de boa parte do século XX: Tiago Alberione.

5 O processo de unificação italiana, conhecido como *Risorgimento*, ocorreu entre 1848 e 1870, unindo diversos reinos e Estados independentes em torno do Reino da Sardenha, sob a liderança de figuras como Cavour, Garibaldi e Vitor Emanuel II. A consolidação política, porém, não eliminou as divisões internas: persistiram tensões regionais, sociais e, sobretudo, um profundo conflito com a Igreja, que perdera os Estados Pontifícios e resistia a reconhecer o novo Estado laico.

Filho de Miguel e Teresa Allocco, camponeses piedosos e trabalhadores, foi o quarto de seis filhos, crescido entre os campos de trigo do Piemonte e a fé simples do povo da roça.

Desde a infância, a chama da vocação sacerdotal ardia em seu coração. Ao ser interrogado na escola primária sobre o que desejava ser, respondeu sem hesitar: “Quero ser padre!”. Não se tratava de uma ambição comum, mas de uma convicção serena, silenciosa, quase obstinada, como se já vislumbasse, em meio à poeira da estrada, o caminho que o conduziria ao serviço de Deus e da humanidade.

Alberione ingressou no seminário de Alba aos 16 anos. A cidade, marcada por suas tradições religiosas, tornara-se o cadinho espiritual onde sua alma seria moldada, muitas vezes no crisol da incompreensão e de conflitos existenciais contundentes. Foi ali, também, que ele conheceu o homem que o acompanharia por toda a vida como diretor espiritual e amigo: o venerável Cônego Francisco Chiesa (1874-1946), uma alma discreta, mas profundamente enraizada em Deus. Sob sua orientação, o jovem Tiago aprendeu que a santidade e o estudo, a oração e o realismo pastoral, não se excluíam, mas se exigiam mutuamente.

No virar do século, enquanto os ventos da Modernidade sopravam com força, provocando o pensamento cristão e desafiando a Igreja a novas respostas, Alberione manteve os ouvidos atentos aos sinais de Deus no tempo. Era a madrugada do último dia de 1900. O papa Leão XIII havia convocado a Igreja para uma vigília mundial diante da Eucaristia, pedindo que os fiéis oferecessem orações pelo novo século que nascia. No silêncio da catedral de Alba, diante do Santíssimo Sacramento, Tiago viveu o que mais tarde descreveria como sua “noite luminosa”.

Durante quatro horas de adoração, não viu com os olhos do corpo, mas contemplou com os olhos da fé uma luz que irradiava da hóstia e que lhe falava, no mais íntimo: “Faça algo para

o Senhor e para os homens do novo século”. Essa experiência não foi um devaneio místico, mas uma intuição que se tornaria mais clara com o passar do tempo, um sopro do Espírito que marcaria todos os dias de sua existência. Foi ali, no coração da noite e no silêncio de Deus, que nasceu a visão fundadora de uma nova evangelização.

Ordenado sacerdote em 29 de junho de 1907, logo se dedicou com ardor à formação, ao ensino, à direção espiritual, mas com os olhos sempre fixos no horizonte. Percebia com clareza que os púlpitos não bastavam mais. O povo lia jornais, ouvia rádio, frequentava cinemas. E o Evangelho? Seria excluído desse novo areópago,⁶ reduzido a um discurso para templos e conventos cada vez mais vazios?

Em 1914, no mesmo ano em que o mundo mergulhava na Primeira Grande Guerra, ele dava início, em Alba, à Escola Tipográfica “Pequeno Operário”, semente da Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos/Paulus Editora). Com impressoras, tipos móveis e tinta, começou a formar jovens operários para que, com as mãos e o coração, se tornassem apóstolos da comunicação. No ano seguinte, em colaboração com Tecla Merlo – a futura Mestra Tecla –, fundou as Filhas de São Paulo (Paulinas/Paulinas Editora), iniciando uma longa e fecunda obra: a Família Paulina, composta por cinco congregações religiosas, quatro institutos seculares e uma associação de leigos cooperadores, todos movidos pela mesma missão: dar Jesus Cristo ao mundo com os meios mais rápidos e eficazes.

Sua vida seguia o compasso da oração silenciosa e da ação incansável. Durante a Segunda Guerra Mundial, nas provações

6 *Areópago* era a colina de Atenas onde se reunia o conselho dos anciãos e onde Paulo de Tarso pronunciou seu célebre discurso aos atenienses (At 17,22-31), propondo a fé cristã em diálogo com a cultura grega. Para o Bem-aventurado Tiago Alberione, o areópago tornou-se símbolo do encontro entre o Evangelho e os “novos areópagos” da Modernidade – como a imprensa, o rádio, o cinema e, mais tarde, os meios audiovisuais –, espaços onde a verdade cristã deve ser anunciada com coragem, inteligência e criatividade apostólica.

do fascismo e da censura, Alberione não recuou. Alimentava-se da Eucaristia, confiava na Divina Providência e ousava mais. Fundou as irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre (1924), as Pastorinhas (1938), as Apostolinas (1959), e os institutos seculares (Gabrielinos, Anunciatinas, Jesus Sacerdote e Santa Família). O que parecia sonho tornava-se carne e missão, espalhando-se, em poucos anos, por todos os continentes.

Comedido nas palavras, quase esquivo nas aparições públicas, Alberione foi, no entanto, um homem de visão profética. Participou, ainda que discretamente, do Concílio Vaticano II, e saudou com entusiasmo o decreto *Inter Mirifica*,⁷ que reconhecia oficialmente os meios de comunicação como canais legítimos para o anúncio evangélico. Na velhice, carregando no corpo as marcas do cansaço e das enfermidades, manteve-se firme e vigilante, guiando a Família Paulina com o mesmo vigor e a convicção que recebera naquela noite diante do Tabernáculo.

Em 26 de novembro de 1971, entregou sua alma a Deus, em Roma, serenamente, com a bênção do papa São Paulo VI, seu amigo pessoal desde muito tempo. No dia seguinte, o Santo Padre, emocionado, referiu-se a ele com palavras que resumem uma vida inteira: “Eis um homem que viu longe, que foi humilde, silencioso, infatigável”.

Em 27 de abril de 2003, foi beatificado por São João Paulo II, que o proclamou “padre, profeta e apóstolo dos meios de comunicação”. Seu testemunho permanece como um convite a todos os cristãos do século XXI: viver profundamente enraizados em Deus e atentos aos apelos do mundo, colocando a técnica a serviço do Evangelho.

7 *Inter Mirifica* é o Decreto sobre os Meios de Comunicação Social do Concílio Vaticano II, promulgado em 1963. Reconhece a importância dos meios de comunicação – imprensa, cinema, rádio, televisão e outros – como dons de Deus quando bem utilizados, e exorta a Igreja e os fiéis a empregá-los com responsabilidade para a promoção do bem, da verdade e da evangelização. Para Alberione, esse texto conciliar representava como que a confirmação, por parte do magistério, da sua própria intuição carismática.

É com esse espírito que nos voltamos agora a uma de suas obras mais emblemáticas: *Apostolado da Edição*, redigida em meio às dores da guerra e à esperança da reconstrução. Um texto nascido durante o processo de amadurecimento espiritual de Alberione e que continua, ainda hoje, a interpelar a Igreja a anunciar o Evangelho com audácia, inteligência, criatividade e fé.

III. A obra *Apostolado da Edição*: entre guerra e esperança

No limiar dos anos 1940, quando a Europa se via mergulhada no cataclismo da Segunda Guerra Mundial, Tiago Alberione, apóstolo incansável da comunicação, concebeu uma obra que se tornaria pedra angular de sua missão evangelizadora: *Apostolado da Edição*. Publicado em 1944, em meio a ruínas e esperanças, este texto não se apresenta como simples manual, mas como plano estratégico para a evangelização no mundo moderno à luz da fé.

O livro nasce como um *Manual diretivo de formação e de apostolado*, destinado a moldar as gerações futuras da Família Paulina – sacerdotes, religiosas, leigos e cooperadores –, em uma comunhão viva com a vocação de levar Jesus Cristo aos confins da Terra, valendo-se dos instrumentos mais avançados de sua época. Embora ausente o nome do autor na capa do original de 1944, sua influência é palpável em cada linha, em cada palavra, no rigor e no ideal que permeiam a obra.

O *Apostolado da Edição* está dividido, de forma didática e muito inteligente, em duas partes, que refletem uma pedagogia apostólica meticulosa. A primeira parte expõe, com clareza e profundidade, os fundamentos teóricos do apostolado: o que é a “edição” entendida como um apostolado, seus objetivos, sua ordem e seus métodos próprios. Revela também o perfil do apóstolo “paulino”: aquele que, imbuído de piedade e de espiritualidade eucarística, se entrega sem reservas à missão,

movido por um espírito de estudiosidade e, sobretudo, pela fé do Apóstolo dos Gentios.

Na segunda parte, o livro desdobra-se na prática viva e concreta, iluminando os campos por onde se deve projetar a mensagem cristã: a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão. Este enfoque revela a mente visionária de Alberione, que, atento aos sinais dos tempos, compreendeu antes de muitos a importância decisiva dos novos meios para a difusão do Evangelho.

O *Apostolado da Edição* permanece, portanto, não apenas como documento histórico, mas como legado vivo e convite permanente. Convite para que a missão, renovada a cada geração, continue a avançar com coragem e sabedoria, fazendo de cada palavra, imagem e som um canal da graça divina, para que a esperança jamais se perca no coração da humanidade.

IV. Por que ler Alberione hoje? Uma proposta atual para outro mundo em crise

Vivemos em um tempo ainda mais acelerado do que aquele que viu nascer as convicções de Tiago Alberione. O que antes se imprimia em páginas agora se projeta em telas luminosas; os jornais impressos vão sendo, cada vez mais, substituídos pelos *sites* e pelas redes sociais; e o dilúvio de informações se torna muitas vezes um mar de vozes desconexas. Fala-se muito, mas nem sempre se diz a verdade. Comunica-se incessantemente, porém nem sempre com amor.

É nesse cenário que a proposta do *Apostolado da Edição* ressoa com renovada urgência e pertinência. Alberione não entrega apenas um conjunto de técnicas ou um manual frio de procedimentos. Ele oferece uma visão, um olhar que transcende o tempo: a evangelização é um ato profundamente humano e divino, é um gesto de amor. Comunicar o Evangelho com

os meios modernos é, acima de tudo, um caminho de fé e de transformação do mundo.

Essa verdade encontra eco nas palavras do papa Francisco (1936-2025), que nos recordou como, na Igreja, “temos urgente necessidade de uma comunicação que inflame os corações, seja bálsamo nas feridas e ilumine o caminho dos irmãos e irmãs”.⁸ Trata-se aqui de uma comunicação eclesial guiada pelo Espírito Santo, gentil e ao mesmo tempo profética, capaz de inovar nas formas e nas modalidades do anúncio no terceiro milênio. Uma comunicação que coloque no centro a relação com Deus e com o próximo, especialmente com os mais necessitados, e que se preocupe mais em acender o fogo da fé do que em preservar as cinzas de uma identidade autorreferencial. Uma comunicação fundada na humildade do escutar e na coragem do falar, que jamais separe a verdade do amor.

Ler Apostolado da Edição hoje é, portanto, redescobrir essa mesma urgência: a evangelização deve ser criativa e ousada, mas sempre fiel ao espírito do Evangelho. É lembrar que, quando comunicamos com verdade e amor, a Palavra de Deus permanece viva e fecunda, gerando esperança, renovando corações e iluminando caminhos.

V. Um convite à leitura e ao compromisso: a comunicação como caminho de santidade

A quem se dirige esta obra? A primeira resposta parece evidente: aos membros da Família Paulina. Mas a verdade é que seu alcance vai muito além dos muros de uma congregação ou de uma família religiosa. Este é um texto que interpela todos aqueles que se reconhecem, com seriedade e zelo, comprometidos com o Evangelho e convictos de que a comunicação é um instrumento

8 Mensagem do papa Francisco para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais, *Falar com o coração: “Testemunhando a verdade no amor”* (Ef 4,15), 21 de maio de 2023.

eficaz de salvação. Esta obra é para “missionários digitais”⁹ que evangelizam entre algoritmos e curtidas; para agentes da pastoral da comunicação, que traduzem a Boa-nova nos boletins e nas telas; para jovens, sobretudo os jovens, cuja criatividade e ousadia fazem deles protagonistas da nova evangelização; para leigos e religiosos, para bispos e comunicadores – católicos ou não – que buscam, no meio do ruído contemporâneo, palavras que construam, imagens que pacifiquem e sons que conduzam à verdade.

Como deve ser lida? Com reverência e profundidade. Não é um tratado técnico, embora contenha sábios conselhos. Não é apenas um plano de trabalho, embora trace linhas concretas de ação. Antes de tudo, é um texto espiritual. Deve ser lido como quem lê um texto de oração, de formação interior. Seu parentesco mais próximo talvez seja com a obra clássica de dom Jean-Baptiste Chautard, *A alma de todo apostolado*. Assim como Chautard revelou que toda ação frutífera nasce da união com Deus, Alberione proclama aqui que toda comunicação evangelizadora é, antes de tudo, comunhão: comunhão com Cristo Mestre, Verbo eterno, que é Caminho, Verdade e Vida; comunhão com a Igreja, que é Mãe e Mestra, mas também é filha e discípula; comunhão com os irmãos, especialmente os mais feridos e esquecidos.

Embora redigido em um contexto específico, com sua linguagem e sensibilidades próprias, este texto conserva uma surpreendente atualidade. Algumas expressões podem parecer, à primeira vista, marcadas pelo tempo, e até com certo “cheiro de coisa antiga”. No entanto, é precisamente por isso que elas nos

9 Os “missionários digitais” são anunciadores do Evangelho que assumem a responsabilidade de levar a mensagem cristã aos ambientes virtuais, reconhecendo a internet como um novo e privilegiado campo de atuação missionária. Através de uma comunicação ágil, direta e inculturada, buscam construir comunidades de fé, diálogo e escuta, promovendo a presença viva de Cristo nas redes sociais.

convidam a um duplo exercício: escutar a sabedoria de uma época e, ao mesmo tempo, traduzi-la com fidelidade criativa para os desafios e linguagens do nosso presente. Ler *Apostolado da Edição* é, assim, entrar em diálogo com uma herança carismática viva e vivificante, que é dom e patrimônio da Igreja, e, portanto, de todo cristão, e não apenas da Família Paulina.

O que nos oferece a obra *Apostolado da Edição* não é um método fechado, mas um horizonte aberto. Um chamado. Um clamor. Um envio. Nas entrelinhas de cada capítulo ressoa o apelo que São Paulo fez aos fiéis de Corinto: “Ai de mim se eu não evangelizar!” (1Cor 9,16). Evangelizar com os meios de hoje, sim, mas também com os corações de sempre: corações inflamados pelo amor de Cristo, apaixonados pela verdade, mansos e intrépidos como o Mestre.

A você, caro(a) leitor(a), aqui se apresenta não uma palavra conclusiva, mas um ponto de partida. Que esta leitura desperte em seu coração o desejo de comunicar com verdade e com amor, fazendo de cada palavra um sinal de esperança, de cada imagem um reflexo do Evangelho, de cada gesto um ponto de encontro. A comunicação, quando nasce da escuta de Deus e se deixa guiar pela caridade, torna-se serviço, torna-se missão. E, como tal, pode transformar o mundo.